

Artigo

Percurso Etnográfico: envelhecer ativamente em uma rede de solidariedade para idosas aposentadas em Pelotas/RS.

Luana Costa Bidigaray*

Resumo

Este artigo constitui parte de um estudo sociológico de caráter empírico, realizado em 2018, cuja versão integral foi defendida em uma banca de mestrado em 2019, e que foi desenvolvido com idosas aposentadas que frequentam uma associação para pensionistas e aposentados na cidade de Pelotas. Neste exercício sociológico problematizou-se a noção de envelhecimento ativo, a fim de verificar se as idosas participantes dessa associação experienciam uma terceira idade mais ativa e saudável. A pesquisa busca compreender, de forma sistematizada, como se construiu o estudo etnográfico a partir de suas técnicas, demonstrando como elas foram eficazes para a realização da pesquisa no espaço em foco, uma vez que a realidade dos fatos, dos fenômenos e vivências ali observadas são pontos essenciais para construir, refletir e problematizar o percurso etnográfico.

Palavras-chave: Percurso Etnográfico. Idosas Aposentadas. Envelhecimento Ativo.

Ethnographic Route: actively ageing in a solidarity network for retired elderly women in Pelotas/RS.

Abstract

This article is part of an empirical sociological study, made in 2018, whose full version was defended in a master's panel in 2019, and which was developed with retired elderly women who attend an association for pensioners and retirees in the city of Pelotas. In this sociological exercise, the notion of active ageing was problematized, in order to verify whether the elderly participating in this association experience a more active and healthier third age. The research aims to understand, in a systematic way, how the ethnographic study was constructed based on its techniques, demonstrating how They were effective in carrying out the research in the space in focus, since the reality of the facts, phenomena and experiences there observed are essential points to construct, reflect and problematize the ethnographic route.

Keywords: *Ethnographic Route. Retired Elderly Women. Actively Ageing.*

* Estudante de Doutorado em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFPel.

Este artigo constitui parte de um estudo sociológico de caráter empírico, realizado em 2018, cuja versão integral foi defendida em uma banca de mestrado em 2019, e que foi desenvolvido com idosas aposentadas que frequentam uma associação para pensionistas e aposentados na cidade de Pelotas. Neste exercício sociológico problematizou-se a noção de envelhecimento ativo¹, a fim de verificar se as idosas participantes dessa associação experienciam uma terceira idade mais ativa e saudável. A pesquisa busca compreender, de forma sistematizada, como se construiu o estudo etnográfico a partir de suas técnicas, demonstrando como elas foram eficazes para a realização da pesquisa no espaço em foco, uma vez que a realidade dos fatos, dos fenômenos e das vivências ali observadas são pontos essenciais para construir, refletir e problematizar o percurso etnográfico.

A construção metodológica passou a ser um dos caminhos para a produção de conhecimento acerca do processo de envelhecimento contemporâneo complexificado pela perspectiva sociológica, uma vez que analisar e observar as práticas sociais de idosas face a um novo estilo de envelhecer, estabelecido na terceira idade, que se contrapõem aos valores da família e do contexto social atual, tornou-se um objeto de investigação. Nela, o método etnográfico possibilita a percepção de práticas, de relações e de comportamentos de indivíduos em determinados cenários sociais, por meio de suas reflexividades, com a finalidade de resgatar e restaurar eventos, reproduzindo dados empíricos daquelas experiências (BEAUD; WEBER, 2014).

A composição etnográfica da pesquisa começou a ser delineada, primeiramente, com pesquisas exploratórias. Posteriormente, com o emprego de técnicas como a observação participante seguida de entrevistas, servindo como meios de análise dos fenômenos sociais ocorridos no campo de investigação. O espaço de uma associação para aposentados e pensionistas localizado na cidade de Pelotas, tornou-se ideal para a materialização dessa observação participante com a finalidade de examinar os fenômenos apreendidos considerados importantes para a análise e a construção do estudo

etnográfico, como, por exemplo, a possibilidade de captar informações vistas como inovadoras ou não esperadas – as “surpresas”, como sugerem Weber e Beaud (2014).

Portanto, esse percurso metodológico (empírico) consiste em apresentar, de forma sistematizada, como se construiu o estudo etnográfico a partir de suas técnicas, demonstrando como elas foram eficazes para a realização da pesquisa no espaço em foco, uma vez que a realidade dos fatos, dos fenômenos e as vivências ali observadas são pontos essenciais para construir, refletir e problematizar uma etnografia. (BEAUD; WEBER, 2014).

Percurso Empírico

Abordagens metodológicas, exploratórias e qualitativas

O primeiro contato com a instituição e com seus funcionários oportunizou a compreensão acerca da rede de serviços ofertados à população idosa e das atividades sociais e culturais da associação com seus integrantes. Essa aproximação possibilitou uma maior familiarização com o campo e com o objeto de estudo. As idas contínuas ao local, de forma exploratória, tornaram-se de suma importância para clarificar o caminho metodológico a ser construído para pensar acerca da problemática sociológica proposta pela pesquisa, assim, embasando os próximos passos da investigação.

A proximidade com o campo se deu nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2018. Nessa ocasião, foram coletadas informações a respeito dos horários de funcionamento e dos serviços que eram oferecidos. Após isso, entrou-se em contato com o presidente da instituição, solicitando a permissão para a pesquisadora frequentar o espaço da associação e realizar o emprego da técnica de observação, em termos exploratórios, em atividades abertas ao público, como meio de confinidade com os membros da instituição e com o grupo pesquisado.

No decorrer dos meses, em outras idas ao campo, realizaram-se conversas informais com o diretor social, com o propósito de conhecer o público da instituição, obter esclarecimentos sobre o número de associados e de frequentadores ativos, e, com isso, ter a noção de quantos associados pertenciam ao sexo feminino e quantos, ao masculino. Desse modo, verificou-se a predominância de mulheres associadas e assíduas, certificando o fenômeno da feminização no espaço da associação².

Após esses encontros, em maio de 2018, na ocasião de uma confraternização em homenagem ao dia das mães, na qual, em princípio, estabeleceu-se um diálogo com os funcionários, verificou-se uma atmosfera de socialização entre as idosas, evidenciando uma rede de convivência e solidariedade entre elas, corporificando naquela festividade as circunstâncias que as levavam a frequentar as atividades da associação e demonstrando como essas práticas contribuem positivamente em seus cotidianos. Nessa oportunidade, o emprego da etnografia fez todo sentido, mostrando-se como a metodologia mais adequada para observar, captar e descrever, em um diário de campo, essas relações, comportamentos e discursos apreendidos, uma vez que esse método possibilitou a compreensão acerca das imaterialidades sobre como é conviver e se socializar em uma rede de apoio que, por sua vez, promove nos dias de hoje novos modos de envelhecer, tendo, por exemplo, a noção do envelhecimento ativo como prática de sociabilidade que enseja a reprodução de novos laços sociais entre um grupo e o meio social em que está inserido.

Nesse sentido, Beaud e Weber (2014) afirmam que a etnografia propicia captar e descrever esses fenômenos, sendo que um dos critérios para etnografar realidades sociais se refere ao **interconhecimento social**, o qual possibilita o partilhamento de saberes e de práticas em um mesmo espaço de convívio, como, por exemplo, as pessoas se conhecerem mutuamente de vista, de nome ou apenas pelo partilhamento de experiências. Nesse caso, a associação serviu como essa rede de convivência e de entrelaçamentos que permite trocas de conhecimento e vivências entre as idosas aposentadas.

A segunda condição para a construção etnográfica, conforme as autoras, refere-se à **reflexividade no campo de investigação** onde podem ser observados comportamentos e práticas sociais, que instantaneamente, não fazem sentido para a pesquisa, porém, com a reflexividade do etnógrafo relacionado com a habitualidade ao campo e com **o tempo de observação chamado de longa duração**, considerando-se este como um terceiro aspecto da etnografia, e de forma sistematizada, passam a ser melhor assimilados e correlacionados entre si, contribuindo para a percepção e apreensão de determinados fenômenos sociais.

A confraternização do dia das mães, como já mencionado, é um exemplo desses eventos que possibilitam ao pesquisador a reflexividade no campo. Com as idas constantes ao campo, percebeu-se que aquela festividade representava mais que uma simples atmosfera de socialização pela comemoração do dia das mães, mas, simbolizava um lugar de fala, uma manifestação coletiva em busca de visibilidade social aos enfrentamentos e aos seus esforços cotidianos contra o preconceito de serem mulheres e idosas em sociedades contemporâneas que cultuam a juventude e a produtividade. A dinâmica da reflexividade e da longa duração trata dessa frequência do pesquisador ao campo e de seu olhar questionador, portanto, da importância da regularidade da pesquisadora na associação. Esse exercício exploratório perdurou em torno de nove meses³.

Ao final desse processo, adquiriu-se conhecimento sobre as atividades mais recorrentes entre o público idoso feminino, eram elas: os cursos de artesanato, de pintura em tela e o de *cibercultura*. Em vista disso, com a autorização da instituição, a pesquisadora inscreveu-se nos cursos de artesanato e pintura em tela, visto que esses eram frequentados apenas por mulheres⁴, os quais aconteciam duas vezes na semana, passando a empreender a técnica da observação participante com esse grupo de idosas aposentadas.

Observação participante, entrevistas e o sujeito de pesquisa

A observação participante foi realizada com um grupo de dezoito mulheres idosas aposentadas que frequentam os cursos de artesanato e pintura em tela, promovidos pela associação em questão, e foram realizadas entrevistas com nove delas. Durante o processo de entrevistas, as idosas aposentadas foram informadas de que suas identidades seriam preservadas e que apenas suas narrativas seriam utilizadas no trabalho⁵.

A etnografia passou a materializar-se de forma expressiva no período dessa intensa observação participante que perdurou em torno de 60 dias, totalizando quase 16 encontros, acompanhada de um caderno de campo, com a pesquisadora observando e descrevendo as práticas sociais e discursivas dessas associadas e, assim, compreendendo a dinâmica que elas estabelecem em seus cotidianos dentro do espaço da associação e no meio social em que estão inseridas, beneficiando-se dessa rede de conhecimento partilhado, para enriquecer o material empírico da pesquisa.

Após o período de observação, ao mês de dezembro, empregou-se a técnica das entrevistas semiestruturadas que apresentaram um roteiro com nove questões específicas⁶, capaz de levantar a trajetória de vida dessas idosas aposentadas, tendo como base suas práticas de sociabilidades e o envelhecimento ativo. O emprego das entrevistas privilegiou as narrativas e suas subjetividades, apresentando-se como a melhor perspectiva de apuração empírica, já que permite ao etnógrafo organizar melhor um conjunto de questões, como perceber, reproduzir e retratar a realidade social dos indivíduos (TRIVIÑOS, 1987).

De início, perceberam-se diferenciações quanto ao marcador etário: duas integrantes não tinham a média⁷ da idade do restante do grupo. Respectivamente, tinham 35 e 50 anos. Em consonância com os aspectos metodológicos da etnografia apresentados até aqui, a reflexividade e a longa duração esclarecem que a identidade etária dessas duas aposentadas encontra-se relacionada com as suas práticas sociais diárias, uma vez que

suas tarefas e funções assemelham-se com o conhecimento e o cotidiano daquelas mulheres mais velhas. Isso se materializa na fala da aposentada que possui idade inferior a 60 anos:

hoje eu sou voluntária, cuido de pessoas doentes e idosos nos hospitais, porque eu acho, assim, as pessoas tão doentes no hospital, a família às vezes trabalha, não tem como ir ali, e **muitas vezes tu quer, tu precisa de um carinho**, a pessoa que tá no hospital ela quer ser tratada da doença que ela tem, mas ela precisa de um apoio de um vizinho, ela precisa que alguém vá visitar, que alguém alcance um copo d'água, que leve um pratinho de comida para ela, que fale uma palavra de carinho. **Eu senti no coração quando eu me aposentei que tem tantas pessoas lá fora que precisam de tanto apoio e a gente só pensa na gente, então, eu tô me dedicando a este trabalho, e gosto do que faço (Grifos meus).**

A entrevistada é aposentada e possui 50 anos, trabalha como voluntária, cuidando de pessoas em estado de vulnerabilidade, como idosos doentes hospitalizados. Em sua narrativa, revela o compartilhamento de saberes e experiências no processo de envelhecimento e de velhice, o que abarca saberes sobre as condições e tratamentos que são habituais neste período de vida de pessoas mais velhas, além da necessidade de atenção, carinho e de uma forte rede de apoio. Assim, apresentando uma identificação com as pessoas que pertencem à terceira idade. Reconhecendo na fala da entrevistada o valor atribuído aos idosos, quando menciona que seu trabalho é voluntário, evidenciando, aliás, que a convivência com eles não é sinônimo de declínio social, a idosa esclarece que sua perspectiva laboral baseia-se na inclusão social.

O elemento da identidade etária, tornou-se um fenômeno de suma importância, pois passou a identificar esses sujeitos na pesquisa, isto é, o modo como os indivíduos se sentem e se pensam a si próprios. A integrante com menos idade, com 35 anos, apresentou outras formas de identidade com o grupo de idosas, manifestou o interesse em frequentar a associação com as colegas de artesanato pela produção do *tricot* e, em um segundo momento, pelo cotidiano saudável das atividades que a auxiliaram a superar o luto em virtude do falecimento de sua mãe, encontrando uma rede de apoio e de

conexão que supria a ausência da mãe e, com isso, o sentimento de pertencimento e de acolhimento com aquelas mulheres mais velhas (Diário de campo, novembro, 2018).

Desse modo, a partir dessas observações sobre as práticas das mulheres consideradas idosas, provocou-se uma reflexão à pesquisa: o que seria o início da velhice para aquelas mulheres da associação? Qual seria o marco? Ele existe? Seria aos 50, 60 anos? Ou apenas pela perspectiva legal baseada em idade cronológica? Ou pelas marcas dos corpos envelhecidos? Ou ainda, a partir da dimensão do marco improdutivo que é a aposentadoria? Isto é, evidenciou-se que determinar quando se inicia a velhice torna-se um ato um tanto impreciso, mesmo quando marcadores legais como o Estatuto do Idoso (2003)⁸, a OMS, entre outros, consideram que idoso é aquele indivíduo que possui idade igual a 60 anos ou mais.

Estas narrativas também nos levam a refletir sobre as questões de gênero, uma vez que Faleiros (2016, p. 559) salienta que “um maior número de idosas é levado a cuidar de idosos. Tendo em vista, que o papel de cuidador implica uma questão de gênero” (FALEIROS, 2016), nos remetendo aos debates acerca de sistemas desiguais de gênero, que ainda oprimem e subordinam apenas as mulheres às práticas sociais no espaço da domesticidade, em virtude do trabalho reprodutivo, que são consideradas pela sociedade como atribuições exclusivas e femininas - existenciais. (ÁVILA, 2004), corroborando aquela ideia de que o trabalho reprodutivo e o cuidado não possuem a mais valia que é exigida na estrutura laborativa, ou seja, aquele trabalho que envolve cuidado com crianças, pessoas doentes ou com idosos hospitalizados, como narrou a entrevistada.

Somando-se a essas questões, as observações participativas ainda sinalizaram que a maioria das entrevistadas legalmente consideradas idosas⁹ pela sociedade, por terem igual ou mais de 60 anos, apresentavam-se extremamente ativas dentro do espaço da associação, e não reconheciam-se ou vinculavam-se com aquela ideia de velhice tradicional, de inutilidade e de

decadência social, instigando novamente a reflexão sobre se as mulheres daquele grupo de aposentadas poderiam ser consideradas idosas?

A partir disso, percebeu-se que o processo de envelhecimento e a própria etapa da velhice tornam-se um tempo que exige continuidade e que simultaneamente permanece sempre inacabado, em razão do constante desenvolvimento de suas subjetividades, uma vez que essa etapa não tem faixa etária determinada para iniciar, e quando se desponta opera de acordo com as complexidades experienciadas em cada indivíduo.

Dito isto, fica o pensamento da conceituação sobrevivida de marcadores legais, como do Estatuto do Idoso (2003), do IBGE, da OMS e de outros, que legitimam o critério da idade cronológica como um elemento capaz de definir processos tão subjetivos, ou seja, não são capazes de delinear e precisar o princípio de uma velhice de forma homogênea a um grupo de indivíduos ou até de uma coletividade, sem voltar-se a um olhar individualizado. Posto que, envelhecer é um processo biológico, social e psicológico de cada um. (MASCARO, 2004).

Entendendo o percurso Etnográfico

Após todo esse processo acerca das técnicas que compõem o exercício etnográfico, o material empírico colhido nesse percurso metodológico passou a ser transcrito, em forma textual, possibilitando, inicialmente, uma pré-análise sobre a qualidade do teor das narrativas. Como afirma Marcondes e Brisola (2014):

Deve-se procurar ir além das narrativas, buscando-se ideias por trás das transcrições das falas, ou seja, identificando representações implícitas ao texto. **Esta etapa é considerada “construção de inferências”**. Na primeira etapa, deve-se proceder a transcrição das entrevistas gravadas. **A opção do pesquisador pode-se pautar ou não nas características paralinguísticas, ou seja, considerando a entonação da voz, silêncios, ênfase em palavras ou expressões dentre outras observações que compreende ser importante**. Caso não queira se deter nas

características paralinguísticas, pode-se então ater-se somente na transcrição das palavras faladas. (apud GOMES et al., 2010, p.27, Marcondes e Brisola, 2014). **(Grifos meus)**.

Nesse primeiro momento, privilegiam-se as subjetividades, as narrativas e percepções das idosas sobre si e sobre determinadas temáticas que as envolvem, demonstrando que o instrumental analítico empregado nesta investigação contribui no resgate e na construção de significados e na constituição de categorias sociais.

Em um segundo momento, conforme os autores, parte-se do reconhecimento dessas esferas de domínio apresentadas em suas narrativas, e, posteriormente, contextualizadas na pesquisa, baseando-se a análise na problematização a partir do aporte teórico, resultando em uma análise mais ampla, conhecida como uma macro análise dos dados. Por fim, a terceira e última etapa, centra-se entre a combinação das categorias consideradas *a priori* e aquelas adjacentes na qual o campo pode oferecer, dessa forma, amplificando e aprofundando a investigação. Em suma, resultando em uma análise total da conjuntura dos dados.

Vale ressaltar que a ferramenta das intersecções sistemáticas utilizadas por Adriana Piscitelli (2008) e Hirata (2014) concorre para que essas complexidades narradas pelos sujeitos da pesquisa retratem as heterogeneidades existentes no universo feminino idoso. A partir desse processo interpretativo, categorias sociais foram instituídas na pesquisa, algumas se encontravam já estabelecidas desde o aporte teórico como as intersecções entre gênero, classe, raça, sexualidade, idade e o próprio envelhecimento ativo. Segundo Motta (1999), cada uma dessas categorias relacionais ou estruturais reproduzem uma análise de relações de poder dentro de um mesmo cosmo social. A autora ainda aduz que no passado estabeleciam-se apenas complexidades em termos de lutas e conflitos, entretanto, as esferas relacionais de complexidade nos dias atuais possibilitam novos debates, como no caso da pesquisa que consiste em

perceber se há a noção de envelhecimento ativo nas práticas sociais da terceira idade.

Nesse sentido, o marcador de diferença acerca do gênero, que é considerado um ator socialmente construído, e defendido por Motta (1999), em intersecção com a categoria do envelhecimento, resulta em fundantes análises¹⁰ da vida social feminina na velhice, já que em décadas passadas essas mulheres, enquanto velhas, eram consideradas somente números estatísticos na demograficidade social. Porém, com o advento das ondas feministas, essa perspectiva de domesticidade, culturalmente produzida, imposta às mulheres, vem performatizando o que Simone de Beauvoir (1990) já denunciava em sua época: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, e conforme retrata Isolda Belo (2013) “a mulher não nasce velha, torna-se velha” (BELO, 2013, p. 2).

Então, a partir dessa sistematização de técnicas e de inferências, possibilitou-se à pesquisa, o evidenciamento do gênero, da identidade etária e do envelhecimento ativo como categorias centrais, visto que em constante afluência com demais marcadores de diferenças passaram a reproduzir diferentes formas (positivas e/ou negativas) de se envelhecer ativamente, considerando que a noção de envelhecimento ativo, por vezes, apresenta-se de forma muito homogênea face às diversidades de muitas velhices presentes na contemporaneidade, assim, oportunizando uma agência de investigação sociológica.

Considerações Finais

A metodologia aqui abordada propiciou uma intensa interação com o campo e com o objeto de pesquisa para a edificação etnográfica. Constatou-se de forma positiva, que as investidas exploratórias possibilitaram coletas de informações no caderno de notas sobre o campo: os dados administrativos, o contato com o diretor, com os funcionários para conhecer as atividades/práticas ofertadas naquele local, a observação participante no

evento de comemoração no dia das mães, assim como os encontros para o artesanato e a pintura de telas, além das entrevistas que tornaram-se determinantes para finalização da edificação da etnografia.

Embasada nos conceitos metodológicos de Beaud e Weber (2014), a construção deste percurso empírico proporcionou a *práxis* e a apropriação das técnicas (a observação participante, o diário de anotações e as entrevistas), que contribuíram também com uma análise sobre a instituição, sobre a forma que trabalha com as mulheres idosas aposentadas pela perspectiva da inclusão social. E, além disso, permitiu analisar uma forte modelação de valores na velhice, ainda que seja por uma perspectiva discursiva, compartilhada entre o próprio grupo de idosas. É factível perceber que estas desejam protagonizar novas vivências e esforçam-se no seu meio social para conquistar novas práticas de sociabilidades. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que o envelhecimento ativo vem alcançando determinados critérios e tornando-se além de uma alocação social promissora, demonstrando-se como uma forte política pública corporificando-se nas práticas de sociabilidade de algumas idosas no contexto social atual. Ainda que somente privilegie determinado grupo de mulheres, repercute resultados positivos, porém, desiguais em intensidade dentro desse universo feminino do envelhecimento.

Desse modo, a pesquisa fica em aberto, sugerindo que novos estudos ou questionamentos sobre a velhice e a terceira idade sejam desenvolvidos, considerando que esse tema precisa ser (re)significado socialmente e que suas subjetividades podem ser “renovadas”. Ainda, que novas proposições sobre a noção de envelhecimento ativo sejam investigadas oferecendo novos caminhos para que esse envelhecimento participante se corporifique em práticas de sociabilidade em contextos sociais tão estigmatizados, sem tentar idealizar, corrigir ou desnaturalizar a velhice.

Luana Costa Bidigaray é Bacharel em Direito. Mestre em Sociologia. Estudante de Doutorado em Sociologia. Bolsista de Pesquisa CAPES no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPel.
Contato: luanacbidigaray@gmail.com

Artigo recebido em: 28-09-2021

Aprovado em: 28-10-2021

Como citar este texto: BIDIGARAY, Luana Costa. Percurso Etnográfico: envelhecer ativamente em uma rede de solidariedade para idosas aposentadas em Pelotas/RS. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 07, nº 01, p. 11-27, 2021.

Referências

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. Vida cotidiana e o uso do tempo pelas mulheres. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, Portugal, 2004.

BEUAD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Stéphane Beaud, Florence Weber; tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. 2. ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, p. 22 a 87, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: realidade incômoda**. Editora: Nova Fronteira, capítulo I, II e III, 1990.

BELO, Isolda. **Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas**. Revista Feminismos, vol.1, n.3 – set. – dez. 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>>. Acesso em: 15 agosto de 2021.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Brasil envelhece antes e pós-PNI**. IN: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira et. al (Orgs). Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões – Rio de Janeiro: iPea, 2016, cap. XVI, p. 537-569.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Revista Tempo Social da USP, V. 26, n.1 Disponível em: Acessado em: 20 de março de 2019.

MARCONDES, Nilsen.; BRISOLA, Elisa. **Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas**. Revista Univap – São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MASCARO, Sônia Amorim. **O que é velhice**. 2ª reimpr. da 1ª ed. de 1996, São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOTTA, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos pagu. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cad_pagu_1999_13_7_MOTTA.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2021.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Revista Sociedade e cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008, p.263 - 274 Disponível em: Acesso em 28 de setembro de 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Anexo I

Tabela 1

| Ano de 2018 | Atividades no campo |
|-----------------------------|--|
| Janeiro e fevereiro de 2018 | A pesquisadora conheceu o espaço investigativo e obteve informações sobre as atividades oferecidas à comunidade e a este grupo de associadas. |
| Março de 2018 | Encontro com o Presidente da associação para apresentar as pretensões da pesquisa no espaço da ABAPP. Autorização para participar das atividades abertas ao público como pesquisadora. |
| Abril de 2018 | Conversa informal com os funcionários para obter informações administrativas e das atividades recorrentes entre as idosas. |
| Mai de 2018 | Participou do encontro de celebração ao dia das mães. |
| Julho de 2018 | Primeira entrevista com uma associada da instituição. |
| Outubro de 2018 | Palestra: 'Estatuto do idoso: Direitos Fundamentais do Idoso' - Prof. Dr. Bruno Rotta Almeida, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas. |
| Outubro | Tarde de entretenimento (19.10.2018). |
| Outubro e novembro de 2018 | A pesquisadora matriculou-se nas atividades de artesanato e pintura para realizar a observação participante. |
| Novembro/dezembro de 2018 | A pesquisadora realizou as entrevistas e participou da confraternização de fim de ano (amigo secreto) entre as idosas aposentadas das turmas de artesanato e pintura de tela. |

Anexo II

Roteiro de entrevista

1) Gostaria que a senhora falasse um pouco da sua trajetória social. E relatasse onde nasceu, sobre a sua origem, sua escolaridade, renda, se caso exerceu alguma, qual profissão? Casou-se, teve filhos e etc.?

2) Há quanto tempo frequenta a ABAPP? Eu gostaria de saber quais as atividades que frequenta, e o que a levou a procurar a associação?

3) Com quem a senhora mora, e quais as principais atividades do seu dia a dia?

4) Em relação às atividades frequentadas, qual tipo de relacionamento a senhora construiu aqui?

5) Eu queria que a senhora falasse um pouco, como, depois de aposentada, se sente como mulher e idosa. Você se reconhece como idosa nos dias de hoje?

6) O que espera vivenciar na etapa da terceira idade? Quais são as suas expectativas?

7) Nos dias de hoje, como é a sua relação econômica com as pessoas com quem convive?

8) Depois de aposentada, como é a sua relação com a sua família, lhe incentivam a viver novas experiências sociais? A senhora considera-se livre ou ainda prefere viver de acordo com as expectativas da família?

9) Como se sente em relação à sua sexualidade nos dias de hoje? Livre ou ainda alguma coisa lhe impede de vivenciar novas experiências. E por quê?

¹ “envelhecimento ativo”: Formulado dentro da OMS, passa a ser indicada por esta entidade, considerada principal referência no campo da saúde, como uma política de atenção aos idosos, num movimento que nasce na saúde e se expande para se tornar A política voltada para o envelhecimento em geral (BARBIERI, 2014, p.137).

² A fala informal do diretor: “Na associação temos cerca de 11.000 idosos inscritos e que são frequentadores da sede. O número de mulheres é bem significativo, chega a ser mais que a metade, acho que em torno de 7.000, teria que te levantar, mas é maior que o número de homens” – fala do diretor da Associação Beneficente de Aposentados e Pensionistas da cidade de Pelotas.

³ As idas ao campo encontram-se sistematizadas na tabela 1 nos anexos.

⁴ A pesquisa centraliza a investigação nas relações femininas da terceira idade na contemporaneidade.

⁵ Pensando no anonimato dos sujeitos observados, a pesquisadora substituiu os nomes das entrevistadas por nomes fictícios. Seguem alguns dos nomes: Cássia, Luzia, Osvaldina, Domingas, Lindalva, Rosana, entre outros.

⁶ Roteiro de entrevistas anexo 2.

⁷ A faixa etária das idosas observadas e entrevistadas era de 60 a 72 anos.

⁸ “*É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos*”. (Estatuto do Idoso, 2003, artigo 1º). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

⁹ A expressão “*maioria das entrevistadas legalmente consideradas idosas*” refere-se às observações realizadas com o grupo de 18 idosas do espaço da instituição para aposentados da terceira idade. Neste período de observação intensa, percebeu-se que duas das integrantes, (sendo uma entrevistada), não terem atingido a média etária (de 60 anos) relacionada ao grupo, e por esta razão, não são consideradas legalmente idosas. Entretanto, verificou-se por meio do interconhecimento social o elemento da identidade etária e a noção de pertencimento a esse grupo que frequentam.

¹⁰ “Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem ou ser velho é uma “situação vivida”, em parte, homoganeamente e, em parte, diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho (a)”. (Motta, Alda Britto, 1999, p. 207).